

The image features a complex optical illusion pattern of concentric squares. The lines of the squares are arranged to create a strong sense of depth, drawing the viewer's eye toward a central, dark square that appears as the end of a tunnel. The pattern is composed of alternating black and white lines, creating a high-contrast, rhythmic visual effect. The squares are nested and slightly offset, enhancing the three-dimensional illusion.

**INTERIORES**

**CLARA SVERNER**

# INTERIORES

Clara Sverner

#cultura  
#presente

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO DE JANEIRO**  
SEM TEMPO A PERDER

Capa: **Muti Randolph**

Coordenação geral do projeto: **Cíntia Pereira Produção & Cultura**

Organização: **Clara Sverner**

Diagramação e Projeto Gráfico: **Thomas Benz**

Revisão Ortográfica: **Lácio Revisão**

Produção executiva: **Cíntia Pereira**

Assistente de produção: **Victor Goulart**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Sverner, Clara

Interiores [livro eletrônico] / Clara Sverner. --

1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. da Autora, 2022.

PDF.

ISBN 978-65-00-43478-1

1. Contos brasileiros I. Título.

---

22-108228

CDD-B869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Dedico estes contos à Israel Sverner (1933-2020), meu querido irmão, Clara Helena Portela Nunes (1939-2015) e a João Carlos Assis Brasil (1945-2021), *In memoriam*, que tanto me inspiraram, incentivaram a dar continuidade a escrita e a publicar meus contos. Espero que de algum lugar mágico eles possam ver a realização deste sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu filho Muti Randolph, por ter criado a capa do presente e-book.

Ao Victor Goulart, cuja ajuda foi imprescindível na organização do passo a passo para a realização deste livro. E pela sua leitura sensível.

A Cíntia Pereira, produtora, amiga, que sempre esteve ao meu lado em meus concertos, e que sabendo dos meus poemas e contos muito fez para que fossem publicados. Sem sua insistente ajuda, este livro não seria possível, assim como *Reminiscências* (2020), meu livro de poemas.

A minha neta Stella, por ter inspirado meu conto *As Meninas*.

Ao meu neto Ian Randolph, por sua escuta e leitura atentas

A todos que amo.

## ELE

Era de uma alegria tensa. Seu sorriso – ouro puro – quase um riso. Seu rosto uma contração, ora rubro de pura emoção, ora quase lívido de susto por uma felicidade súbita. Bebia embevecido as palavras das pessoas que amava e admirava, sentadas ao seu redor na grande mesa redonda. Em um silêncio quase religioso, participava como se fosse um e todos, em estado de absoluta comunhão. Sensibilidade pura.

Era de uma alegria calma essa noite de luar.

Ele transbordava de emoção e se fundia nos discursos entremeados de brumas de um prelúdio de Debussy, de árias de óperas, fusas, semibreves, sinfonias e melodias. Brilhava o seu olhar. Espertos, marotos olhos de menino. Descobria-se encantado, sensível amante de música e entregava-se totalmente a esse inesperado amor.

Emitiam-se sons, formavam-se sons e tudo se transformava finalmente em um grande som.

Efêmeros momentos passando, criando a ilusão de suspender em eternos, os breves tempos de vida.

Era a alegria. A pausa. A trégua.

E ele, o homem da terra, ao descrever o mato, o pasto, o silêncio, o touro, a vaca, o passeio solitário pelos dourados trigais, transformava-se em música.

E conversava-se afavelmente, entre sorrisos, risos e contentamentos nessa noite enluarada. E brilhava como uma estrela a bela presença do homem-menino que contava as coisas do campo.

E percebia-se, nas nuances que se alternavam em seu rosto, seus diversos tempos, sua história de vida, seus sustos, suas dores. Era um

jeito de olhar, era um traço revelador entre as espessas sobrancelhas – uma ruga. Era. Intuíam-se até pela maneira de escutar e de dizer as coisas, as brincadeiras do menino de ontem. Subindo árvores, colhendo frutos, plantando na sua roça de criança suas fantasias e seu milho. E tudo se juntava hoje ao sonho-realidade do homem que amava e era a poesia do campo.

Levantávamo-nos. Dispersávamo-nos. Era final de festa. Rompia-se a magia. Ele nos acompanhava até o portão. E sorriamos todos à vida, ao amor, à música, ao campo, a esse momento eterno, porém, passageiro. E o rastro do luar, curiosamente, nos seguia.

1986

## A COMPREENSÃO

Ela não o amava mais. Daí a impressão de arrastar-se num vazio sem fim. Não mais aquele entusiasmo de pássaro num dia azul de primavera, de voo ilimitado, do capturar e ser capturada, do amar e ser amada. E, no entanto, haviam sido cúmplices, bebendo embevecidos no bar de esquina, depois de encontros-encantos. Iluminados, brilhavam de amor. Corriam à luz do sol. Andavam pela noite, felizes. E um era o outro nessa transmutação mágica, própria do amor. Os silêncios eram pausas encantadas, sensualidade à espera.

E hoje era o silêncio de tenebrosos e incomunicáveis abismos. Seu corpo doía-lhe, inquieta a alma. Recentemente, talvez ontem, debaixo da chuva fria e amiga, passeando, abraçavam-se maravilhados. Como crianças, criavam jogos de amor. Mais tarde, sentados nas poltronas enfeitadas de ouros e vermelhos, diante da grande janela, tranquilos, fitavam infinitos o rio, o arco-íris, a esperança. O tempo parecia-lhes fluir docemente. Bastavam-se, amavam-se. Era um dia no campo.

E hoje, da mesma poltrona observava o tédio do campo a estender-se num verde morno. E entendeu que estava novamente como nasceu, nua e só. Enfrentaria o grande desconhecido mais uma vez. E, livre, abriu a porta e caminhou na chuva suavemente.

## LARISSA

O dia estendia-se longo como o som de um violino a chegar pela janela entreaberta. Dia de aroma de flores a espalhar-se para além do horizonte visível. Perfume delicado e inebriante. Festa da natureza, o zumbido febril das abelhas e o canto dos pássaros.

Larissa era uma fragrância.

E o momento permanecia, enquanto Larissa ia ao encontro da cidade. Com o rosto colado à janela do ônibus, percebia com susto a chuva ameaçadora que desabava tão sem aviso: cinza-chumbo sem poesia.

Estava ela entre prédios, pessoas que corriam, riam, iam pelas ruas. Aço, sangue, nervos. Imensa respiração ofegante. O pulsar de um coração gigante que batia em ritmo acelerado. Cidade grande.

Larissa andava. Silenciosa, lembrava a noite no campo, tranquila, naquela escuridão absoluta de um céu sem lua, sem estrelas – puro negrume a dar vertigem. Vertigem que também lhe causava essa aproximação nervosa da noite na cidade, que adquiria uma outra pulsação. Faiscavam os néons mágicos, cintilavam as luzes das vitrines coloridas, alegres promessas de Natal.

Larissa andava. E não escurecia totalmente o céu da grande cidade, espelho a refletir os brilhos, provocações, num lusco-fusco contínuo. Hipnotizada por essa festa noturna, ia ao encontro do homem que amava. Caminhavam. Desenhavam sonhos-sombras no asfalto quente. Entravam em um pequeno e alegre restaurante, um pedaço do Oriente. Homens e mulheres inebriados pela bebida e pela eletricidade vital desse espaço. À Larissa, suas risadas e cochichos lembravam os

grilos do campo. Mãos gesticulavam, pratos primorosos eram apresentados, apreciados, tocados, trocados em um ritmo incessante. Risos, cigarras em uma noite de verão. Larissa e o homem que amava, contagiados pela alegria, riam também, felizes, livres e despreocupados.

E voltaram pelas mesmas ruas, adormecidas e silenciosas, na madrugada da grande cidade. Larissa, séria e assombrada, tinha a consciência de viver uma continuidade. Não eram fatos isolados ou retratos em um álbum: a noite do campo, o dia na cidade, o passeio com o amado; mas sim o desvendar constante de um caleidoscópio múltiplo e imprevisível. E essa vertigem era a vida. Caminhava absorta em seus pensamentos quando, transpondo o velho portão, ao pisar na grama molhada de orvalho, olhou o céu que se abria em tons rosas na esperança de mais um dia.

Larissa encontrou seu quarto banhado por uma luz pálida, cheirando à jasmim. E sentiu-se forte, parte integrante deste grande movimento – a vida. Um minúsculo átomo em estado de explosão, de amor, de dor.

Adormeceu. E caminhava Larissa no mundo dos sonhos, através de uma floresta densa, soturna, abrindo caminhos, temerosa. Subitamente vislumbrou a planície luminosa e vasta. Diante dessa amplidão pareceu-lhe encontrar o sentido da vida.

Apaziguada acordou. Era mais um dia que se estendia longo como sons de um violino...

## SOLIDÃO

Esperava ainda. Vagamente. Talvez uma voz que rompesse o peso da minha solidão. Esperava. Rasgando o silêncio, pesado, escuro silêncio, sua palavra.

Escuto um som, corro, abro a porta. Ela sorri, brilha leve, luz que surge da penumbra. Terra grávida de promessas. Cabelos ao vento, solta, soltos. A esperança. Quero pedir-lhe socorro, sentir seu calor. Fluida, se evapora, já uma ausência. Falta-me a coragem, o ar.

Volto às paredes brancas, aos vazios. Quero dar este grito, preso na garganta. Grito que despedace barreiras, quebre vidros e me liberte. Preciso urgente ter contato com a pele, com os nervos, com um outro.

Espero a voz que me desperte deste sono sem sonhos. Há quanto tempo não sinto o gosto da chuva, o calor do sol, a carícia do vento. Há quanto tempo não sinto. Através dos vidros embaçados da janela, vejo um pedaço azul do céu, a rua trepidante do ritmo das pessoas que andam, correm, vivem. E eu estou tão proibida. Ainda é dia claro. Como atravessá-lo?

Aos poucos desisto até do desespero, afundo-me na poltrona, disforme, inerte. Presa assim, permaneço um longo tempo, sem alma, sem vida. Até que um ponto prateado desperta minha atenção – Um espelho!

Vejo meus olhos de solidão que aos poucos tomam outras formas. Se transformam em olhos de emoção.

Sou ela, de cabelos ao vento.

Ouçõ música, risos, palavras. A sala resplandece e harmoniosos misturam-se crianças, jovens e os mais velhos. No jardim dançamos à luz

da lua, trocamos olhares, tocados de graça descobrimos o amor... pés flutuando no espaço, anjos... As meninas nas saias compridas, floridas, brincam, correm atrás de bolas, bolhas de sabão que crescem, implodem e desaparecem transparentes – liquefazem-se em suaves cores de arco-íris, diante das meninas atônitas, esplêndidas de curiosidade. Procuram, inventam, reinventam constantemente os jogos, a vida.

O espelho reflete, agora, mãos multiplicadas. E dos dedos que apontavam a lua, despontam dedos de mulheres. Mãos que oram, que tocam, que acariciam, que brutalizam, que ajudam, que destroem, que se crispam de dor, na hora do amor, do parto, na hora da vida, na hora da morte.

E volto – minhas mãos estendem-se vazias.

E volto. Ao silêncio, à sala de paredes brancas e nuas. Às horas lentas de um dia. Estou diante do entardecer e de imagens que giram rápidas. Meninas correndo, descobrindo bolas, bolhas de sabão, cantigas de roda, flores, sons.

A Mãe.

Memórias que revoam como um bando de pássaros. Jovens dançando à luz da lua, a mulher de mãos esguias a amamentar.

O Filho.

Há uma fusão entre todas essas mulheres que me obriga, afinal, a sentir, a sair, a aproximar-me da janela e a olhar o céu: que deslumbramento! Como se através de um caleidoscópio mágico, vejo o azul a transformar-se em canteiro infinito de rosas. O real e o fantástico se confundem. Escurece mais, e, em um tom roxo-azul-escuro, uma pétala imensa cobre por inteiro o espaço ilimitado.

A noite chega serena. Fecho os olhos – meu corpo dissolve-se em um bem-estar, em um não-ser. Mergulho, mergulho, nas profundezas de um mundo infinito. Habitada sou por pássaros sombrios presos em gaiolas; outros livres, multicores, a iluminar meu céu interno nos tempos da escuridão: escorpiões venenosos, répteis escuros, pré-

históricos, que me sufocam, me arrastam para cavernas tenebrosas e anjos que irradiam luz...

Aceito a solidão.

Sei que ainda sofrerei muito, mas conhecerei também tréguas e súbitas alegrias. Não espero mais.

Sou minha companhia, íntima alma. Não espero mais. Sua voz. E o silêncio é música. A pausa. E não estou ausente do pulsar... Das pessoas que andam, que sorriem, que se abraçam, que choram, que morrem brutalmente: do movimento das formigas, da lembrança das cigarras enlouquecidas de verão. Das aranhas arquitetas. Das flores, águas, sonhos, nuvens e névoas...

Vou à cozinha. Tenho um corpo, uma forma, uma fome e preparo uma torrada com queijo de cabra. A água ferve na chaleira. Tomarei um chá, talvez um café... Que bom, tenho tanto tempo!

1987

## A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

O carro deslizava suave. Casas, árvores, rostos, sombras se sucediam. Imagens rápidas, absorvidas e logo perdidas. Ela dirigia com a sensação oca de ter pela frente mais um dia de incerteza. Ligou o rádio. A Sagração da Primavera de Stravinsky a invadiu e a fez perceber e receber o verde esplêndido, entremeado ao canto dos pássaros, reunidos em uma espécie de anunciação. Ela então sentiu a esperança. O ritmo da música a se fundir com seu ritmo. O pulsar do seu sangue a pulsar com a batida cadenciada e rude da percussão. Batida de seu coração. As cordas, os sopros evocavam a revoada de pássaros selvagens. E a luz das flores amarelas a cobrir campos inteiros após um longo inverno. Violinos, violas, fusas, compassos – o carro seguia. A orquestra se acalmava em uma lenta marcha. Uma pausa, a procissão.

Ela olhou pela janela. Apesar dessa súbita explosão de felicidade, não era indiferente às crianças que na esquina, esfarrapadas, maltratadas, brincavam despreocupadas por breves instantes. Eram puro prazer a brotar na força, no jogo. Corriam, gesticulavam, mãos ávidas, pés nervosos a chutar, a driblar... bola – vida – rola... E pensar que neste momento uma onda varria da face da terra um humilde e gasto pescador que sorrira outrora e a menina a desabrochar que só em botão permanecera. A morte inesperada que chegava apesar do céu azul, da vida inseparável. Percorrido pelos mais diversos matizes, o mundo se apresentava ao seu olhar como um painel delirante.

Ele pintava. Introduzia meios-tons sutis. Incansável, experimentava e experimentava até chegar às formas imaginadas. Criava traços entre angústias e entusiasmos na procura incessante de

sua expressão. Recomeçava inúmeras vezes até atingir esse resultado, seu reflexo. Sofreu sim, nessa tentativa maior de unir seu universo interno ao externo. E enfim, após um longo tempo que se assemelhava à uma gestação, fez surgir figuras remotas a lembrar a história ancestral do homem, entremisturadas às novas formas, cores e sombras. Concebidas por passeios sem fim, nos meandros do seu inconsciente. Contemplou seus quadros. Estaria satisfeito? Hoje era o dia da inauguração. Ele afinal descansou. Olhou pela janela as folhas luzindo verdes! E sorriu feliz pelo milagre de renovação!

Ela dirigia. A música continuava e ela em uníssono com o som era uma linha infinita a vibrar. Chegou. Enquanto estacionava, nesses breves instantes, flores lilases caíam como uma tênue e perfumada chuva transformando seu carro em pintura viva. Em imagem-miragem. Apesar do encanto do momento, não era inconsciente ao fato de não ser mais que uma passagem rápida, bela e dolorosa no tempo. Elo de ligação entre passados e futuros. Forte e frágil, intuiu que talvez isso fosse a verdade: ser parte do movimento. Embevecida, a contemplar o ipê-roxo, a tocar as pétalas suaves como veludo ao contato de suas mãos, sentiu o mundo em aberto como aventura única. Correu livre. Como uma criança através dos campos entendeu o voo dos pássaros, a poesia, o ritmo das estações.

Trabalhava numa galeria de arte. Era dia de inauguração. Ainda repleta de tons e sons arrumava: flores no vaso, catálogos na mesa, últimos detalhes. Atendia o telefone que tocava incessante: "Sim", confirmava, "hoje às dezenove horas". Aos poucos as paredes que encontrara brancas e nuas se iluminavam com os quadros de J. J., que parecia ter extraído, de um profundo e inatingível olho interno, esta visão exacerbada do mundo que projetara nas telas. Fragmentos de sonhos que surpreendiam, moviam, comoviam. Olhinegro a atravessar a tela, atingindo como um soco o expectador. Sugeriu um grito doído, preso na garganta de cada um. Assustava, questionava e se fundia a

outros tantos olhos. Olhos que fitavam, lábios que se entreabriam, mãos que gesticulavam.

Ele chegou. E o cercavam, cobriam-no de perguntas a respeito de sua obra, seus símbolos, sua nova estética, e sobre os caminhos da arte. Tentava explicar com suavidade. Lembrava que quando menino, em um fascínio indescritível, ficava a contemplar, por horas a fio, as cores, os movimentos... A lua – um dos grandes encantamentos de sua vida, lhe parecia a cada noite um espetáculo supremo. Tentava capturar suas impressões e traduzi-las com lápis, tintas e pincéis. O impulso que o levava a criar, não sabia explicar. É parte de um mistério maior. Transcendente ao próprio artista – magia da criação.

Ela, esvoaçante, de branco, ria, corria entre as pessoas, copos, olhares. Até que observou assustada a presença da mulher de preto, de cabelos negros que brilhavam azulados, de boca vermelha, de olhos pintados. Uma sensualidade ousada transparecia a cada gesto seu, e provocava nele, extasiado, um sobressalto de felicidade. Com a mulher de preto ele saiu e entendeu o espaço como amplidão sem limites, nesse princípio de paixão. A mulher de branco, então, sentiu uma súbita e inesperada dor. Estática sofreu. Lírio partido.

Ela saiu. Era noite. Atravessou sinais, fogos cruzados, luzes. Perdida alegria da tão recente manhã. Abriu a porta de seu quarto. Os copos de leite, cuidadosamente colocados no vaso comprido e transparente, espiavam do alto de suas hastes, indiferentes à sua nova inquietude. Olhou-se no espelho. Seria a mesma que corria leve há pouco? Acrescentado por uma nova emoção, seu rosto parecia alongado, expressivo e triste. Uma das figuras saída da tela de J. J.. Amava o jovem pintor, pensava. A lembrança da música, que acordara nela uma selvagem e primitiva pulsação, voltava-lhe agora causando-lhe uma febril agitação. E caminhava no tapete: passos de veludo de tigre ferido. Não, o ar não estava parado como ela o supunha em sua dor, na revelação do seu amor solitário. Como o ponteiro do relógio, ela

imperceptível também caminhava para um outro momento. O sofrimento toma diferentes contornos. Corpo e alma num processo sábio se transformam em outros desenhos. E seguimos, pois as histórias não têm fim, e sim, são perenes movimentos.

Ela de vestido branco esvoaçante sofreria por um tempo.

J. J. e a mulher de preto passeavam pela rua silenciosa. Protagonistas de uma nova história que também se modificaria.

Encontros e desencontros se sucederiam. Quem saberia do próximo momento? Quem ainda estaria ou seria? A quem o pleno sorriso, a lágrima amarga, no caminho aparentemente sem nexos do ser humano.

E tudo se transformaria. Em mais um verão de cores fortes, em mais um outono de ouros, em mais um inverno cinzento permeado de chuvas e, enfim, novamente em primavera.

## A VALSA

Pequeno, obscuro, porém, de vez em quando, ousado a sonhos, voos intensos, extensos, nessa duplicidade inerente ao homem. Ambíguo e desconhecido a seu próprio ser, simples e complexo – assim era Adalberto.

Nessa noite de festa, lá estava ele, intimidado, no canto do salão. Olhos piscando rápidos como os de um pássaro assustado por uma luz súbita. A escutar os sons difusos da música, dos risos, das conversas. A olhar a alegria dos rostos, dos luminosos vestidos das mulheres. Ah! Esse brilho! Irresistível como um sol de verão, que ao mesmo tempo que ofuscava, desencadeava nele um desejo grande de ser também parte do burburinho, do riso, do gesto amável. No entanto, não tinha tido seu dia de glória? Seus traços se descontraíram e ele sorriu com a lembrança envolta em brumas daquela outra noite de baile. Ele dançava. Adalberto dançava com a linda moça de vermelho. E enquanto ela permanecia nos seus braços, embalara-o de sonhos. A valsar, nasceu-lhe asas de esperança que o transportaram para uma possível casa de madeira cercada de um delicado jardim, coberto de grama, cheirando à jasmim. E ela o aguardaria à porta com seu vestido florido, no final de mais um dia. E silenciosos, após o jantar, fitariam as chamas da lareira. E ela o acariciaria, despertando-o para o encantado e esperado mundo da sensualidade, do amor. Mudo, porém, ao som dos últimos compassos da valsa, a coragem de Adalberto se esvaneceu. Desajeitado, vazio de sonhos, despediu-se da moça de vermelho. Guardou-a cuidadosamente, como um tesouro, em sua lembrança. Misteriosa memória que lhe devolvia esses momentos ao som da valsa... Divagava.

Seria a memória semelhante a um grande e velho armário repleto de gavetas e compartimentos? Ele tinha a impressão de que, ao abrir uma das gavetas, fragmentos de sua vida voltavam e passavam diante de seus olhos como um filme. Via com ternura sua mãe que cantarolava na cozinha, linda e perfumada, aos seus olhos embevecidos de criança. E a sua voz retornava agora, através da magia da lembrança. Seria a única canção de amor que teria inspirado? Escutaria um dia outra? Abrindo mais um compartimento do armário-memória, recuperava um outro tempo: o dia que sua mãe o levava à escola. Segurava com força sua mão. Ah! Esse dia em que ela o deixara na casa grande e cinza onde aprendeu a ler, contar e temer – temer seus colegas, a vida. Não mais o colo cálido de sua mãe, mas as brincadeiras cruéis, o barulho, a luta. Entretanto, um dia, durante um passeio, conheceu os campos verdes, o perfume inebriante das flores que o transformaram em regozijo, em menino! Correu com as crianças. Acariciou deslumbrado as flores, as pétalas, as cores. Perseguiu inocente as borboletas. E parou diante daqueles olhos imensos e azuis que o fixavam. A princípio ouviu um murmúrio que se seguiu em convite insistente para brincar... Adalberto, que glória! Rolando na grama, jogando bola com um amigo – um amigo que o escolheu nessa tarde ensolarada. Que descoberta! O calor da amizade transformou sua vida. Tempos preciosos foram aqueles. Tempo de pequenos segredos, de deliciosa cumplicidade. A sala de aula não era mais sombria. Mas um dia, seu amigo chegou à escola, solene, e já se despedindo de um Adalberto atônito. Que fazer, dizia, se mudava para outra cidade. Quem sabe se reveriam e se corresponderiam. Ele então conheceu a dor da ausência, da partida – a saudade.

Sofreu calado e vazio. Não procurava os outros e não os procuravam. Sua vida voltou a ser uma impossibilidade. E ele encolhido, recolhido e os anos passando. Mas uma réstea de luz, do contato que tivera com sua natureza mais profunda, sobrevivera. Tesouro escondido, adormecido, mas existente e que voltava de vez em quando como ondas do mar em noite de lua cheia. Os anos passaram. Presenciou namoros,

assistiu a casamentos e batizados. E ele, como que à margem da vida. Uma testemunha, apenas. Todo dia se dirigia ao trabalho passando pelo rio que cruzava sua pequena cidade. Eram seus mais lindos e livres momentos. Gostava de ver a água transparente que corria entre as pedras e arbustos e de imaginar para onde iria, por onde passaria.

Os sons e as luzes se tornaram mais suaves. Os músicos tocavam uma dança lenta. Os casais se abraçavam tranquilos, os passos leves. Enquanto ele observava, uma outra gaveta do armário-memória se abria, quase que à sua revelia. Ele revia sua mãe no hospital. Triste e oprimido, voltava-lhe uma terrível sensação. Era escuro, era frio. As figuras silenciosas de branco, que entravam e saíam do quarto, a prenunciar a outra realidade – a da morte. Cheiros ácidos, aparelhos, injeções e lágrimas. Sua mãe sofria. Ele sentado a maior parte do tempo, num canto do quarto, com medo da dor, estrangulado de dor. Seu coração parecia encolhido. E sua mãe partiu. E ele ficou aquecido pela lembrança do seu imenso amor, na velha casa materna cheirando a mofo, a passado, com seus velhos e escuros móveis. O grande espelho que sempre o intrigara, as cortinas pesadas.

Ao escutar novamente a música, voltou ao presente. A orquestra tocava uma valsa. Percebeu a moça de vermelho que lhe sorriu. Quem sabe a vida não lhe seria de novo uma possibilidade. Adalberto no canto do salão, sempre tão só, comentavam as moças. Sentado a pensar. Por que não participava da festa, não conversava com elas, por que não ria? Às vezes o percebiam distraído à beira do rio, nos casamentos ou nos batizados. Diziam até que tinha tido um amigo na escola. Naqueles tempos fora feliz, até o dia em que o amigo se foi e ele ficou assim, todo tristonho, como bicho macambúzio. E lá foram elas dançar, esquecendo do que falavam há pouco. Flertavam, sorriam, viviam. As horas passavam. Já era quase fim de festa quando notaram, surpresas, Adalberto com estrelas cintilantes no olhar, com a linda mulher de vermelho... A valsar.

## A PROCURA

O escritor estava debruçado sobre sua máquina de escrever. Seu gato dormia tranquilo ao seu lado. Levantou-se. Pela janela, via raras pessoas passeando na madrugada. Andavam. Figuras etéreas que se moviam através das brumas do inverno. Ouvia-se o mar. Linhas de uma sutileza delicada surgiam no céu. Silêncio absoluto.

Aos poucos apareciam meus personagens, bêbados de sono. Logo um se fazia visível, imperceptível de início tomando formas, me obrigando a ser um fio condutor entre sua fluidez e materialidade. Vai voar... me deixar... trago-o de volta. Tem um rosto, uma força, uma fragilidade. Do meu sopro ganha vida.

Alguns personagens desfilavam diante do escritor incrédulo. A jovem delicada a lembrar um pássaro, ansiosa por uma vida. O menino o fitava duro e desconfiado. Um cão se aproxima dele derramando afeto e ternura. Por breves momentos se entrega à emoção e alegria, à inocência da criança que deveria ser. Mas o cachorro se foi, e o menino olhava um ponto longínquo, chupando o dedo no seu desamparo. Uma velha caminhava a passos lentos no desespero mudo de quem perdera a esperança. Campos abertos aspiravam a serem concretos. O rio cantava ondulante invadindo o papel, peixes coloridos e plantas de estranhas formas.

A mulher-pássaro falava sussurrante. Contava do choque e do prazer que sentira, menina pequena, ao assistir pela primeira vez a um espetáculo de dança. Ainda hoje a relembrar o teatro, as luzes, o vermelho das poltronas, os aplausos, uma forte emoção a percorria. Aquela mesma sensação de eletricidade a sacudir seu corpo, nervos,

músculos. Seguiu fascinada as bailarinas que lhe pareceram fadas etéreas. Seu encantamento fora infinito e inebriada decidiu que seria bailarina! E lá ia ela, à aula de balé, sapatilhas, olhos brilhando. Menina a voar, leve, transpondo todas as barreiras. Às vezes, inundada por uma espécie de êxtase, sentia se pairando no ar – beija-flor em estado de pura felicidade. Sua vida então adquiria uma cor tão intensa que quase a sufocava. E seguiu também com brincadeiras, ódios, raivas, indagações. Crescendo, conheceu múltiplas formas de amor. Pela terra, pelo mar, pelas flores, pelos homens. E enfim por um homem. Conheceu a dor da ruptura, das decisões e indecisões. E a vida também a surpreendera com caminhos tortuosos e aflitos... O escritor a olhava fascinado. E ela falava, falava. Pássaros a escapulir em palavras tontas de sua boca. Pássaros perdidos cruzando o céu em desesperada busca – suas palavras. Cruzando graciosa as pernas, abaixou a cabeça e pensativa ficou em silêncio.

O ar duro e desconfiado que o menino aparentava se dissolvia. Ele agora desnudado pela emoção, mostrava sua imensa fragilidade. O contato, a carícia do cão, despertara nele lembranças dos latidos que alegraram seus primeiros anos de vida. Revia sua mãe, atarefada, provedora, ralhando e o cobrindo de beijos. Sentia seu cheiro. Mistura de mato molhado, suor. E uma flor que ela trazia presa nos cabelos negros. O que teria acontecido depois? Lembrava de raios que cruzavam o céu, barulho ensurdecedor. A chuva, gemidos escuros de dor, gritos esmagados, roucos, dilacerados. Conheceu o medo, o desespero. Sua casa havia desmoronado, sua família tragada por um abismo. Uma vizinha o encontrou chorando e só. Passou a morar com ela. Sentia se num túnel escuro, opressivo, sem saída. As saudades seguiram dolorosas. Sua vida uma luta contínua, por um pouco de comida, um agasalho e um carinho. E hoje seu peito se abrira, sangrava. Uma ferida que não cicatrizava. O escritor o olhava consternado. A dor do menino o dilacerava. Dor que passava a correr em suas veias. Sangue.

A velha emaciada, enrugada, escutava melancólica. Lembrava da época que sua vida fora expectativa e ação. De seus olhos azuis a um céu de maio. De um dia inesquecível, quando seus olhos miosótis mergulharam em olhos de tão negros a se confundir com os mistérios do mar em noites escuras. Por momentos sem respirar ficou suspensa no tempo. Mais tarde conheceu olhos mais tranquilos. Nadou em calmas águas de um verão. Simplesmente amou. E como aceitar hoje este corpo desfigurado? Não mais o desenho delicado e harmonioso de outrora. Sensualidade. Corpo que era vida, forte e generoso, que dera vida. De seus seios escorrera o leite. De seus atos a coragem, o entusiasmo. Seu ventre aconchegara os filhos que a fizeram conhecer uma felicidade única. E a dor. Recordava. Ecos do passado a ressoar ainda. E hoje, esta insustentável solidão que fazia com que os dias se arrastassem como desfiles fúnebres, áridos. Noites sem sonhos. Queria ainda ter uma esperança, pois senão morreria. Flor murcha.

O escritor acordou. Chovia. Tomou um copo de leite. Sentou-se e começou a escrever. E o gato, meio divindade na sua curiosidade infinita, seguia cada gesto seu, com seus olhos tão azuis, tentando decifrar algo bem além...

## CINQUENTA MINUTOS

Um dia azul.

Ando, paro, paio leve.

O azul a se perder de vista.

Sensação da eternidade banhada de azul – borboletas azuis.

E seus olhos escuros surgem e causam-me um choque. O azul se dilui.

Seus olhos escuros. Seus olhos negros, evocando violinos-festas, violinos-choros, violinos-abraçados, tempo-tempos. Séculos e lamentos.

Olhos faíscas, chispas reaparecem. Roupas voantes enlaçam corpos que evoluem em uma dança frenética e sensual. Crianças fogem amedrontadas – mães choram perseguidas, violentadas. Mortas. Os humilhados, os ensanguentados. Seus olhos desencadeiam minhas emoções e fantasias mais primitivas. Escapo a mim mesma. Tenho medo. Sua imagem se decompõe, não se recompõe, se desfaz, me desfaz. Funde-se com minha vertigem. Tenho medo. Mas seu olhar me hipnotiza. Não consigo voltar ao azul. Mergulho, mergulho entre explosões, cores, luzes, linhas e círculos. Vidros se quebram. Paredes tremem. A terra se abre. Continuo no meu longo e profundo mergulho, até que me transformo em um peixinho rodeado de água, ínfimo ser aquático, banhado em puro bem estar. Flutuo suave no balanço, líquido azul. Guardarei em algum canto da memória o ideal do prazer total, que é o contato com a água. Renasce sempre em extraordinária e única volúpia. Água – banho – chuva, cachoeiras e rios. Procura incessante da mãe água, a que antecedeu a todas as mães.

Sofro a dor do nascer, sofro a primeira separação. Sensação dilacerante que se reproduzirá inúmeras vezes durante minha vida.

Ao enfrentar o novo que contém em sua essência a semente da ruptura inicial, volto a um medo escuro, voraz, paralisador. Diante da porta fechada, escorrego aos poucos. Espaço do ser racional – Brumas – quero me conter, mas a porta está fechada. Sou empurrada, empurrada sem defesa, para um túnel obscuro e perturbador. Idade média, trevas da minha pré-consciência. Medo de um amor que se dilui, meu amor, quem será – E tudo afinal se traduz no medo maior da perda da paz, da água tépida, do ventre materno. Da perfeição. Da mãe.

Mas eis que surge uma segunda imagem de mãe. Ela é minha salvação e redenção. Acolhe-me em seus braços e passa a ser minha segunda chance de relação perfeita. Possui a força da terra, do fogo, da luz. Essa que chamarei – Mãe. Sinto seu sorriso, seu choro, sua ausência, sua presença, e já que só ela existe para mim, acho também que sou sua única causa de alegria, de raiva, de tristeza. Fico muito atento a suas emoções, sinais que dirigem as minhas, tão indivisíveis nos tornamos. E continuarei revivendo-as em outras relações, entranhadas nos meus poros, no meu choro, no ar que respiro, no jeito assustado de procurar num outro aquele sorriso que me iluminava, ao expandir-me em calor, em luz, fonte de vida. E o escuro de sua alma, que transparece nas sombras do seu rosto, se reaviva e reascende minhas primeiras e primitivas emoções, que ainda existem e persistem em uma região de difícil acesso. Sombra primitiva, machucado antigo. Cresce, rasga-me. E torna-me tão vulnerável. Pele exposta a esta depressão. Presente, traiçoeira, que se infiltra pela ferida aberta, me priva de luz, de ar, de água, em mancha opaca – sombra escura. Ecos de outrora. Porões do meu inconsciente, soturnos.

Sou feliz quando minha mãe me coloca no banho. Mas por que não me deixa assim, livre, feliz, peixe e pássaro, revivendo a mãe-água e espaços infinitos, indefinidos? Sem que eu entenda por que, tira-me do banho. Sinto frio, choro. Ela que é fonte do meu prazer faz-me sofrer.

Não entendo esta dualidade e nunca entenderei. Minha mãe tem umas leis duras e esta é uma delas. Mas, logo mais, ela me aquece e me conforta. E esqueço tudo no seu colo tépido. Flutuo no balanço suave, azul. Tenho sono, e ela, agora luz suavíssima, ajuda-me nesta transição ao sono, ao sonho.

Gosto de outras pessoas que me rodeiam, sobretudo de um homem alto. Mas o rosto, o olhar, o cheiro, os braços de minha mãe são únicos. Meu pai torna-se cada vez mais nítido, mais importante, essencial à minha vida. Percebo, porém, que ele o é também à minha mãe. E meus sentimentos ficam ambíguos em relação ao meu pai. Mas logo os esqueço, quando, ao brincar comigo, ele inventa sons, expressa tanta ternura, e tento demonstrar o quanto gosto dele. Observo nuvens, o céu, as folhas das árvores, pássaros que cantam como meu pai, e eis que ele me lembra uma grande árvore e seus braços são galhos que me amparam, que me levam para perto do céu, do azul... Dou risada, e ele ri para mim... Que felicidade!

Começo a desenvolver a consciência de que minha mãe e eu não somos um só organismo, uma continuidade, não mais... seus braços se alongando nos meus, seu cheiro se confundindo com o meu cheiro, o ar que ela respira, o meu, não mais... O sangue que corre em suas veias a me percorrer, rio caudaloso que desemboca nas batidas do seu coração que acelera o meu. Não mais... Passo a ter uma atordoante sensação de independência. Aprendo e reaprendo a separação em um fluxo e refluxo de dor e alegria. Meus olhos abrem-se de espanto. A cada dia que passa percebo novas formas que se metamorfoseiam em outras. Longas, curtas, redondas, encolhidas. E cores! Que mundo extraordinário de vermelhos fortes, de azuis, de folhas verdes! Magia de luzes ininterruptas. Vejo linhas vertiginosas partindo o espaço em sombras e clarões. Círculos transparentes, brinquedos que giram, gatos que correm e se escondem, aparecem e me espreitam curiosos. E nesse processo de independência, com volúpia, descobridor ousado, passo a examinar, a

conhecer e reconhecer meu corpo. Meu. Eu. E conquistador do meu território, movimento dedos, braços, pés, com deleite, com calma e às vezes com uma alegria feroz. Tento levar tudo à boca. E através do olhar, do tato, do contato oral, meu aprendizado inicia-se íntimo e prazeroso.

Atravesso novas fronteiras e espaços. Penetro o mistério do equilíbrio, da gravidade. Levanto, caio, avanço, ousa, seguro-me e lanço-me no espaço. Objetos estranhos, contundentes, me machucam. Sofro surpreso, sem entender o porquê dessa interferência brusca no prazer da descoberta. Meus pais se assustam, mas possuem o dom do consolo, da reparação. Em seus colos, afinal, livre do perigo, adormeço. O tempo não é estático. É mobilidade, é pêndulo que vai e vem, é movimento flutuante. Memórias mutantes que se decompõem, se fragmentam, em imagens inteiras, granuladas, perdidas... Memória... Passagem livre a passados e mistérios, a futuros distantes, cosmos, infernos e paraísos. A pássaros... A azuis... Reminiscências difusas... Aconteceu, acontecerá, será? Atravesso transparências, fragmentos de sonhos.

O som causa-me um fascínio indescritível. Meu pai – o canto – nuvens – a água – o peixe. Flutuo em estado de espera. Ouço sons, eles crescem e magnéticos me atraem irresistíveis. Sigo-os. Lanternas mágicas que conduzem me ao destino, ao encontro com a terceira imagem de mãe, luminosa mãe-música. Sou tragada, envolvida, desenvolvida por essas ondas sonoras que me integram nesse momento suspenso no tempo. Água, terra, ar. Tríade perfeita. Separo-me do primeiro som, batida ritmada do seu coração, meu acalanto. Separo-me da primeira e única música que conhecia, a que emanava do seu corpo.

Sou plenamente feliz. O som vibra e faz me vibrar. Reminiscências. Registro inconsciente de sons distantes, batidas do seu coração, de tambores, gongos, sinos, líquidos, vozes, zumbidos que tentarei reproduzir muito além, sem saber porquê, o quê, de onde vem... Seu sussurro. O som é claridade, e sua interrupção brusca atira-me à

solidão, à escuridão. Aflora-me a sensação grave do confronto com a gênese do sofrimento, semente pré-existente, intuição difusa da perda maior, da dor, que será, que acontecerá. Tenho medo. Atravesso longos corredores escuros, menina perdida. Sem ar, tropeço. Estou sem a espinha dorsal, minha vida, a música. Choro. Meus pais aflitos, surpresos, encontram-me, abraçam-me, tentam me consolar. Claro, escuro, luzes e sombras, princípio, vida, morte, fim, vida... Separo-me para sempre do estado de inocência – Eu e minha mãe, um só organismo, não mais...

Até hoje procuro por esse prazer absoluto, querendo, acreditando formar com seu corpo, no seu corpo, uma só unidade. E por momentos, apenas por alguns momentos, volta-me à sensação da perfeição, da água, de sermos um só organismo, nos seus braços, nos meus braços, entrelaçados, plantas marinhas, algas flutuantes, amor.

A música é meu despertar consciente. Atravessa-me, intoxica-me, expõe-me nua, sensível e libera-me. Reconheço me inocente e perversa. Sensações eróticas me assustam. Não sei o que são, tomam-me como uma febre impura. Impulsos de correr, de viver, de matar, de morrer, de salvar a joaninha que se debate perdida na água, de matar a aranha que me assusta, de morrer deitada na sala para que me percebam. Tudo se passa vertiginosamente, ao mesmo tempo, e em sequencias. Ao piano, desvendo notas, mi, ré, fá, sol, bemóis, sustentidos, teclas brancas e pretas. Entendo o contraponto e a harmonia. Recupero a melodia, o equilíbrio abstrato. Entro em contato com dissonâncias, música atonal, dodecafônica, aventuras a percorrer ilimitadas. Caminho de estrela a estrela, nuvem a nuvens, da matéria à pura essência. Às vezes, parece-me que também não sou mais que transparência, essência, imaterialidade que se dissolve, envolve-se, entremistura-se com o segredo das notas, dos sons. Torno-me canal receptivo e transmissor de células, genes, átomos, nervos, emoções que se perpetuam através dessa corrente misteriosa que atravessa os séculos. De Palestrina, Bach a

Debussy e Stravinsky. Dos sons da Índia, longínquos, atemporais, aos cantos das sinagogas, antiquíssimos, monocórdios, que se repetem a cada ano, a milhares de anos. Alma viva. Culturas que se entrecruzam, fogos cruzados, sangues misturados, ódios, paixões indecifráveis. Música.

Corro pelos campos. Livre. Música, poesia. Livre, corro pelos campos. Reencontro a terra, o céu azul. Ando. É simples. Ando... cinquenta minutos, cinquenta horas, ou cinquenta anos. Talvez cinquenta séculos. Continuo, só, até me integrar, um dia ou uma noite, à terra, ao céu, à água, aos pássaros que passam rápidos. Aos planetas que giram, a uma história que se dissolverá em pó, desembocando em outras histórias, a um rastro de música. Memórias... Cometas fugazes. O azul escurece. Um ou outro pássaro, esquecido da hora, canta. Os insetos noturnos aproximam-se. Seus sons crescem, obedecem ao rigor do ritmo concreto da natureza.

Ouçõ sua voz. Faz-me voltar à esta hora precisa. Vou ao seu encontro, sento-me ao seu lado.

1993

## AS MENINAS

Passeava pela beira do rio, a menina de cabelos cacheados. Sorria, maravilhada com os peixes coloridos. Momento mágico, sem ontem ou amanhã. Existia em estado puro. Jogava pedrinhas na transparente água límpida, pérolas lindas e reais da sua fantasia. Eu a observava. Misteriosamente voltei à menina que fui. Nos confundimos nos sonhos de outrora. Quando brincava feliz com as filhas do padeiro. Meninas e as bonecas. Tagarelávamos, plenas de fantasia e encantamento. Era uma cidade tranquila. Um dia, curiosa, caminhei pela rua de pedras. Andava, andava... uma casa chamou-me a atenção. Quis desvendar o mistério, atravessei o portão, curiosa pelas pessoas que entravam e saíam. Fui me aventurando. Numa sala escura, espantada e confusa, vi um pequeno caixão branco onde jazia um bebê de branco, menina linda e adormecida rodeada de flores. Por quê? O que significava? A mãe desesperada chorava. Era amparada. Passou-me um tremor, um medo. Conheci a dor, um arrepio me atravessou. Entrei uma, saí outra. Algo escuro me entristecia. Não falei sobre esta experiência, não fiz perguntas à minha mãe. A luz me voltou um dia em forma de som e tudo fez sentido. Meninas mulheres atravessadas. Perceberia tristes olhos verdes, lindos, marejados, a prever futuros e passados. Mas longe ainda este dia. Teclas brancas e pretas mágicas. Ao tocar, as notas me transportariam a diversos mundos. Percorri caminhos de encontros e emoções, universos inesperados. Flores desabrochando. Mais tarde, como por magia, despertaria no público o escondido pássaro colorido de cada um. Em profunda e delicada comunhão. O artista que inexplicavelmente traz em si a semente da esperança, tocando e tocando almas percorridas por

sofrimentos, rios turvos. Mas havia esta pausa, a cura, a esperança. Rios afluindo em portos seguros por um breve tempo, talvez uma eternidade. E meninas tomam outras formas. Um dia se tornam mães de meninas, de meninos, da humanidade. Este amor que desperta, insondável amor, como descrevê-lo? O abraço mais perfeito, olhos nos olhos, a confiança absoluta. Uma nuvem cinza, carregada de premonição, permeia o azul céu do meu sonho. Deliro assustada... e se perdê-lo? Se partir um dia, se partir, me partindo em milhares de pedaços? A história da menina de cabelos dourados passeando a beira do rio. A história da outra menina, passeando nas ondas sonoras. Uma ainda não sabia, era. A outra soube, repentinamente, da dor, intuiu. Seus dedos a percorrer Schumann, Chopin, almas sofridas e encantadas. Cada uma com seu caminho. Cruzando com tantas e tantos. Ainda inocentes, passeavam apenas. Memórias e futuros ainda inacessíveis. Indefinidos. A menina de quatro anos, talvez, passeava pelo rio, uma miragem. A outra, que a observava revivendo sua infância. E uma menina chegando! Nasce estrela envolta em água. Som de um concerto pleno de expectativa por Stella Estrela... Nasce com música, com o céu estrelado. E sua primeira palavra só poderia ser: luz, luz! Curiosa pelo mundo que vislumbra. O que é isso, o que é isso? Murmura, plena de curiosidade, menina pétala... E assim caminham as meninas. Crescendo, nascendo, se transformando e metamorfoseando o mundo. As meninas. Se encontrariam? Como? O que significa um encontro? Um segundo? Um olhar? Almas se tocando... Um dia o mundo perdido, mas quem sabe, em um outro, salvo. Somos sós. Mas as meninas continuarão no seu tempo, encontrando suas trajetórias plenas de encantamentos, dores, alegrias. Às vezes avó e neta, às vezes....

## A LUZ E O SOM

Passava férias com seus pais em São Lourenço. Pensava sonhadora em ir logo ao encontro dos patos no lago. Guardava pães nos bolsos do vestido. E com o olhar maroto, lá ia ela com seus pais no seu passeio preferido. Os patos vinham em bando ao seu encontro. Nascia o imenso amor pelos animais. Ria feliz. Se entenderiam para sempre. Pássaros, gatos, cachorros, cavalos, as esvoaçantes borboletas. Para sempre.

Escurecia, voltavam ao hotel. Lustres imensos, escadas e o quarto. Tinha quatro anos quando pela primeira vez escutou o som de um piano. Saiu do quarto sozinha, atravessou longos corredores à procura daquele som transformador. Corredores escuros que enfrentaria ao longo da vida. Presentia. O encontrou. Sentou-se religiosamente a escutar a pianista. E fez-se a luz. Iluminada pela música encontrou-se neste mistério maior. E quando a pianista parou de tocar chorou solitária. Conheceu a escuridão e procurou por seus pais. Apenas uma menina perdida.

Passou a desejar veementemente um piano, instrumento que lhe permitiria o ingresso no mundo maravilhoso que lhe fora revelado em São Lourenço. Significaria o retorno à ousadia, à luz, à sua identidade que parecia indelevelmente ligada à música. E quando seus pais quiseram, meses mais tarde, presenteá-la com uma boneca, insistiu com um único e obstinado pedido: o piano. Lembra-se ainda com emoção do dia do seu quinto aniversário, quando seus pais sensíveis e generosos, atenderam a esse desejo sério e apaixonado.

E novas emoções surgiram. O aprendizado, o mergulho no universo sonoro, um mar inesgotável. Tocar pequenas peças de Schubert, Schumann, até a primeira sonatina de Beethoven. Que emoção! Em seguida, apresentações em público a partir de seus seis anos e meio. E como um fio condutor, a primeira impressão do mundo sonoro, sua magia, a certeza do seu poder transformador tem perdurado e a conduzido vida afora.

Sua preocupação social também nasceu cedo. Lembra-se das noites frias de São Paulo, quando acordada, aconchegada na cama quente, no escuro, pensava com tristeza e angústia nos pobres que não teriam cobertores, e o que fazer, e quem sabe um dia, por meio da música, poderia, iria ajudá-los. Minorar sofrimentos de uma humanidade que já intuía tão dolorosa.

E quem sabe essas percepções precoces estão na origem do desenvolvimento de sua vida e carreira, essencialmente voltadas para o ser. Dos seus sonhos a despertar sonhos... E assim prosseguiu na busca constante de novos módulos interpretativos e criativos. Graças a essa chama acesa da curiosidade, aproximou-se do universo de Chiquinha Gonzaga, da música popular, de Paulo Moura. Ampliando, reformulando, enriquecendo assim seu mundo sonoro e, em consequência, do público. Participante indispensável do ato de criação e recriação.

Durante uma turnê pelo Japão, ouvindo de uma senhora após um concerto a expressiva frase: "sua música deixou minha alma feliz", ficou surpresa e agradecida. A extrema delicadeza e sensibilidade do povo japonês, revelada por meio de palavras tão lindas, flores, emoções, fizeram com que ela sentisse deveras que talvez estivesse cumprindo o que prometera a si mesma, numa noite escura e fria.

E quando tocando em Amapá, numa catedral lotada; num recital de Mozart a Ravel para um público operário em Cubatão; como solista da filarmônica de Israel, para uma plateia sofisticada, ou mesmo em sua sala-estúdio, a sensação é uma: a comunhão de almas,

a possibilidade infinita que a música possui de proporcionar o reencontro do ser mais escondido, profundo, e mágico de cada um. O contato da manifestação artística desperta a criança-poeta que sobrevive em nós, apesar das couraças que a civilização nos impõe: livres por momentos preciosos, vertiginosamente livres.

E num dia azul, verão no Rio de Janeiro, vem a ela a reminiscência de um céu extraordinariamente azul. Era em Jerusalém, encontrava-se diante do muro, ao entardecer de uma sexta-feira. O início de um Shabat. Pombos cruzavam o céu, jovens se aproximando, dançando. Cânticos, rezas, vozes misturadas traziam uma enorme emoção. Colocando as mãos no Muro, sentiu-se transportada magicamente para a gênese da nossa história – a minha própria história –, tão intrinsecamente ligadas, uma e outra. Entendi a fé numa ideia, o som como sinal de vida, e achei que no início houve a luz e o som...

2022